

# Antonio Conselheiro – do povoado baiano ao filme da guerra: um olhar sobre a imagem constituída

Cadernos de  
Pós-Graduação  
em Letras

*Cláudia do Amaral*

*Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

## RESUMO

O Filme *A Guerra de Canudos* de Sérgio Rezende é abordado como importante meio de informação ao grande público a respeito dos acontecimentos da trama política no final do século XIX. É também analisado como responsável por reforçar a imagem oficial de Antonio Conselheiro.

Palavras-chave: Canudos. Antonio Conselheiro. Cinema

Uma pátria não é apenas o lugar onde se nasce. Imprime suas marcas nas vidas e nos espíritos, no pensar e agir, no discursar, no ser de cada pessoa e da coletividade. Entender o sertão é em grande escala entender o Brasil e o discurso imagético do brasileiro.

Atualmente, historiadores, críticos e teóricos questionam a imagem de Antonio Vicente Mendes Maciel, O Conselheiro, retratado como fanático religioso ou demente, e tentam formar uma imagem condizente com a importância de seu papel histórico, trazendo à tona, sobretudo, sua capacidade de formar uma sociedade igualitária e próspera em meio a uma realidade hostil.

O filme *A Guerra de Canudos*, de 1996, dirigido por Sérgio Rezende, é uma honrosa produção cinematográfica, com marcantes atuações do elenco em um cenário primoroso. No entanto, são relevantes certas considerações a respeito do discurso apresentado, dada a importância histórica da temática abordada e o efeito impactante que o cinema exerce no ideário do grande público.



MACKENZIE

77

## 1 O CINEMA HOJE

São longos e diversos os estudos e debates acerca da linguagem cinematográfica assim como as discussões sobre a estética do *cinema novo*, contudo vamos nos ater somente no que é essencial compreender antes da qualquer análise fílmica: O pensamento do homem do século XX não mais se dissocia da imagem, estabelecendo assim uma nova relação entre linguagem, pensamento e realidade. As possibilidades de representação da realidade se modificaram profundamente com o desenvolvimento da tecnologia o que gerou um novo modo de “olhar”. O cinema, com a imagem em movimento alterou as relações que estabeleceram outrora, oferecendo novas possibilidades de interpretação.

Maria Dora Mourão (2002, p. 3) em seu artigo *O Tempo no cinema e as novas tecnologias*, publicado na revista *Ciência e Cultura*, assim escreve:

As novas formas de representação correspondem a uma nova relação do ser humano com a realidade. O pensamento contemporâneo está moldado por uma complexidade que o diferencia radicalmente da estrutura do pensamento linear dominante antes da revolução tecnológica. A evolução da informática e o avanço das telecomunicações determinam uma mudança radical nas relações do homem com seu próprio mundo e, conseqüentemente, consigo mesmo. É necessário estabelecer novos padrões de discussão de conhecimento.

A obra fílmica se realiza como um discurso autônomo, independente da linguagem literária ou dos fatos históricos. Essa sintaxe própria deve ser salvaguardada sem que, contudo, o expectador proficiente perceba as situações e argumentações oferecidas, quer pelo roteiro, quer pela direção do filme. Não é tarefa simples. O cinema tem força como linguagem, isto é fato.

Na sociedade que tenta se estabelecer como pós-moderna, muitas vezes as imagens são valorizadas e a palavra escrita é preterida, talvez isso se deva ao ritmo frenético que o cotidiano assumiu, ou quem sabe se deva ao conceito simplista (como se palavras fossem inertes) de que palavras são insuficientes e imprecisas. Certo é que a imagem cinematográfica, apesar de algumas vezes ser ambígua e polivalente tem caráter revelador, fala por si mesma e oferece possibilidades discursivas, parecendo apresentar a realidade diretamente.

A presença industrial é absolutamente marcante no cinema, que absorve estimula e se prende a inovações e tendências tecnológicas: sistemas de som e cor, tipos de câmera, uso de recursos de informática para adequações, sensibilidade de negativos etc... Esses, entre outros fatores, acabam por enquadrar o cinema numa dispendiosa expressão artística. Atrelado a grandes negócios o cinema acaba por se estabelecer como cultura de massa, apelo ao divertimento. Os filmes são propostos como histórias, sem que haja reflexão a respeito do discurso que veiculam o que, sem dúvida, exigiria para o cinema um tratamento apropriado.



## 2 DO POVOADO BAIANO PARA O GRANDE PÚBLICO

Uma análise do filme *A Guerra de Canudos*, sob nenhum aspecto, deixa transparecer a habilidade política do Conselheiro. Ele era a autoridade máxima no arraial, não apenas para assuntos religiosos: organizava a sociedade física e moralmente, assim como a administrava, repassando aos canudenses donativos de alimentos, roupas e dinheiro que eram recolhidos no sertão. Tampouco o líder de Canudos é retratado como homem bem quisto e de considerável influência nos meios que frequentava (GALVÃO, 2001, p. 31). O filme o apresenta apenas como um beato fanático, seguido por uma multidão de ignorantes que não têm a quem recorrer.

A obra resume a história da disputa pelo poder local, enfatizando as batalhas da violenta Guerra de Canudos, tendo como pano de fundo a saga de uma família nordestina que perde a terra e um triângulo amoroso formado pela filha do casal, um jovem nordestino e um soldado do exército brasileiro. O que fica explícito e pertinente na versão cinematográfica é o fato de que Antonio Conselheiro e os excluídos da sociedade organizaram-se em Canudos, numa atitude de defesa contra a miséria e o abandono gerados pelo sistema político da época.

Sabemos que por se tratar de um tema denso e de grande importância nacional o cinema necessita escolher um viés para tornar viável a produção do filme, além de acessível e agradável ao público, sem que precise comprometer-se e dar conta de todos os aspectos do tema. O que, contudo, merece atenção é o fato do filme *A Guerra de Canudos* optar por não retratar Antonio Conselheiro como um sertanejo letrado, capaz de exprimir, de forma articulada, suas concepções políticas e religiosas que se vinculavam a um catolicismo tradicional, corrente na Igreja do século XIX (NOGUEIRA, 1974). O filme reforça o perfil de “gnóstico bronco”, disseminado em *Os sertões*, e de “fanático religioso”, registrada nos jornais da época.

Quanto à oposição de Conselheiro ao Governo, é sabido que os conflitos entre o Estado e o Beato estabeleceram-se e agravaram-se com a proclamação da República, regime ao qual ele se opunha, porquanto fizera a separação entre o Estado e a Igreja, e introduzira o casamento civil. Esta oposição se deve ao fato de que para Antonio Conselheiro o governo é teocrático, pois o poder temporal emana da vontade divina. Deus é supremacia, até para os assuntos da Terra, razão pela qual o beato discordava do novo regime por não acreditá-lo legítimo nos moldes religiosos de até então (DOBRORUKA, 1997).

No filme não há qualquer menção a essa crença do Conselheiro: o expectador fica com a informação de que tanto os canudenses quanto o Conselheiro rejeitavam a república por questões apenas de cunho político. Contudo, depois de extensos estudos sobre o tema, quer sobre aspectos históricos, literários ou discursivos pode-se afirmar que a comunidade de Canudos estava alicerçada na religiosidade.

Segundo Walnice Nogueira Galvão (2001, p. 30)

as populações interioranas crentes nesse catolicismo rústico, mais habituado a um tipo de dominação tradicional estruturada pelo patriarcalismo, receberam mal os primórdios



de uma modernização que as atingiu em vários pontos do país. Essa modernização, que incluía tanto a abertura de estradas de ferro (caso do Contestado) como a instauração da república (caso de Canudos), alteraria desde os impostos, a moeda, os pesos e medidas, até a instituição do casamento, que deixou de ser um sacramento obrigatório para tornar-se um simples contrato civil, quando a República ordenou a separação entre a Igreja e o Estado.

Antonio Conselheiro tinha sua atuação política intrinsecamente ligada à sua atividade religiosa. O beato acreditava que a ação política deve ser embasada na espiritual, sendo necessário estar de acordo com as palavras do evangelho que, por serem escritas de uma forma além da compreensão humana, trariam sempre as respostas para o bom andamento das coisas terrenas. Os pregadores deveriam interpretar o Evangelho para esclarecer as questões que preocupavam o homem de seu tempo, já que a história do homem é tomada pela história bíblica do povo de Deus. A própria bíblia faria, assim, o papel de manual de orientação do povo crente.

No caso de Antônio Conselheiro, não é sabido que fosse vinculado a um grupo político. Ele defendia a monarquia por acreditá-la um poder secular incorporado ao divino, legítimo, instituído por Deus. Fatos esses que nem mesmo com *olhar* cuidadoso da obra cinematográfica pode-se averiguar, e acabamos por ter uma visão oficial da guerra através do filme que perpetua no ideário do expectador a imagem do monarquista fanático religioso que insuflou o povo ignorante contra o exército da república. Inserida nas comemorações de 100 anos do conflito baiano a produção cinematográfica dos anos 90 é responsável por divulgar os acontecimentos da Guerra de Canudos a uma multidão de pessoas que não terão sequer oportunidade de conhecê-la sob outros aspectos, quiçá debater sua importância para história do Brasil e para a formação da cultura e identidade do povo brasileiro.

Há no filme uma seleção elaborada de elementos visuais, que enfatizam a seca no sertão nordestino. Os rostos dos atores representam a seca quer pelo bronzeado empoeirado dado ao elenco quer por suas expressões econômicas, pobres de gestos. As falas enxutas, rudes e secas retratam a aridez e o sofrimento do povo. Tais detalhes bem representariam os enfoques dados a Literatura Modernista da Geração de 1930 que tem como principais expoentes Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto. Quanto ao aspecto sonoro pode-se dizer que são marcantes tanto os tiros e golpes quanto os sons das ladainhas e rezas que entrecortam as falas das personagens da trama.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. (Antonio Conselheiro)

“Para sempre seja louvado tão Bom Senhor”. (Seguidores Canudenses)

O roteiro do filme apresenta as falas acima repetidas vezes. Objetivamente sempre que Antonio Conselheiro vai se pronunciar, dando ao conflito características de “Guerra Santa”.



O filme atrela a cultura popular à religiosidade, o que é bem plausível, mas numa ótica marxista a coloca como forma de alienação e passividade frente às questões sociais, sem deixar pistas para que o expectador leigo perceba que a religião é uma das tantas práticas da cultura popular que fazem parte da realidade brasileira.

Nas cenas finais, mulheres rezando e entoando ladainhas católicas atiram-se nas chamas de casas incendiadas, uma a uma, em fila indiana. Uma imagem dantesca que remete também às fogueiras da Inquisição. A cena fica por conta do expectador perspicaz que deve tentar perceber se a intenção é de criticar negativamente a religiosidade que leva ao fanatismo ou o governo que deixou tantos brasileiros esquecidos à própria sorte, sem ter outra opção que não a morte.

Há que se considerar que o filme promove uma abordagem que expõe a religião como se ela fosse um fato político. Hoje sabemos que a Guerra de Canudos foi muito mais do que um entrave *monarquia versus República ou religiosos versus descrentes*. Tratou-se de uma trama muito bem engendrada que aponta em muitos sentidos e merece discussão particular.

É muito importante observar que o filme revela um aspecto pertinente quanto às reais intenções daquele grupo de sertanejos: fundando o povoado e organizando-se tal como o fizeram eles atendiam a um “chamado de Deus”, colocavam-se como peregrinos, experimentadores de uma missão divina ou de uma iniciação mística e também respondiam com atitudes concretas a uma “necessidade imediata da realidade” e concretizando assim seus ideais. Aqui o cinema brasileiro cumpre bem sua função de levantar questões importantes sobre o fenômeno religioso no Brasil, uma vez que esse é um fator de destaque na formação a identidade nacional. É claro que a cultura popular não se resume em abordagens de fé, mas essa temática permeia suas diversas manifestações.

A última cena do filme, sob a ótica aqui analisada, é algo que merece destaque: Luíza, filha mais velha do casal que perece em Canudos, e que havia estado até então ao lado dos republicanos, consegue resgatar sua irmã mais nova dos escombros e parte para uma nova vida. Não sem antes atender ao apelo da menina que pede para que, de joelhos, rezem juntas. A cena demonstra que, independentemente de qualquer partido que se adote, o povo sempre recorre a Deus, pois a religiosidade está intrinsecamente ligada à identidade nacional.

## **Antonio Conselheiro – from the baian village to the warm film: a look about the stablished image**

### **ABSTRACT**

The movie *A Guerra de Canudos* from Sérgio Rezende is approached as an important source of information for the big public, with regards to the political situation, at the end of the XIX century.



MACKENZIE

It is also analyzed as the responsible for the enforcement of the official image of Antonio Conselheiro.

Keywords: Canudos. Antonio Conselheiro. Cinema.

## REFERÊNCIAS

CALASANS, José. Aparecimento e prisão de um Messias. In: BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo do Estado. *Cartografia de Canudos*. Salvador, 1997.

DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro*. O beato endiabrado de Canudos. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

MOURÃO, Maria Dora. O tempo no cinema e as novas tecnologias. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 54, n. 2, out./dez. 2002.

